

O horizonte que nos inspira

Céu e terra se encontram nos 360° que rodeiam a cidade. É uma invenção que pediu licença à paisagem

CRISTINE GENTIL E
ROVÊNIA AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Praia sem mar, cidade traçada no ar, construção com espaço calculado para as nuvens, escreveu, numa famosa e antiga crônica, Clarice Lispector. Não só ela atreveu-se a definir Brasília sob seu aspecto mais monumental. Muitos a musicaram. Outros a retrataram. O urbanista Lúcio Costa a fez antes de todos. Primeiro, imaginou, depois, desenhou. Diante de uma linha reta, não teve escolha. Delimitou-a de espaço por todos os lados. Assim, construiu uma cidade feita de horizontes, onde é possível constatar, boquiaberto, que aqui céu e chão se encontram.

Um encontro testemunhado a qualquer hora do dia ou da noite. Em qualquer estação. No colorido da seca, no salpicado de flocos brancos de abril, no denso e chuvoso janeiro, o céu sempre parece mais perto. E mais bonito e mais aberto. É assim na visão de arquitetos, artistas, astrônomos, moradores, todos admiradores.

Fonte de inspiração permanente, a capital aérea e terrestre, como por fim descreveu Lúcio Costa, não convida apenas à contemplação. O horizonte de Brasília permite sensações. De filme de ficção científica, de futurismo, misticismo. Para Athos Bulcão, um contato cósmico. "Sem ter montanhas, quando chegava a noite, o céu escurecia completamente, ficava coberto de estrelas. E eu tive a sensação um dia, absolutamente estranha, andando... eu tive a impressão de que estava pisando na crosta terrestre... a gente olhava para cima e só tinha estrela...", disse, certa vez, numa en-

"Brasília não foi tombada por seus prédios, mas por suas proporções. São elas que fazem o horizonte ser parte da paisagem. É o nosso jardim, e a cidade, nossa casa. Mas somos tão incultos, que pisamos no nosso patrimônio"

SÉRGIO BRANDÃO, arquiteto, do Conselho Superior do Instituto de Arquitetos do Brasil

trevista.

Banhado assim pelas estrelas, Athos Bulcão azulejou Brasília em todas as suas nuances. O céu o inspirou a decorar a cidade. Musa também de outros artistas, a capital teve também o horizonte impresso em papel, tela, metal. Lêda Watson, 22

anos de Brasília e 40 de artes plásticas, viajou o mundo estudando e acompanhando o marido diplomata. Separada, radicou-se na cidade para nunca mais sair. Entre 1979 e 1982, fez 21 gravuras retratando o céu.

"Não se vive numa cidade dessas sem que ela se reflita em seu trabalho. O céu de Brasília é muito inspirador. Quis interpretar nas gravuras os momentos que eu vivi admirando este horizonte", conta. Lêda costumava contemplar o pôr-do-sol na volta de sua fazenda, quando descia de carro de Sobradinho com destino ao Lago Sul, onde ainda mora. "Passava aqueles momentos extasiada. Não havia um minuto de percurso com uma paisagem igual a outra. O céu mudava a todo momento, as nuvens, a luz, o colorido... É esplendoroso, um horizonte infinito, um céu que vai até ao chão...", testemunha.

Mesmo que o crescimento da cidade tenha feito concessões ao projeto original, Lêda acredita que ainda há muitos lugares onde o horizonte se descortina. Até da janelinha de seu ateliê, que fica no subsolo de sua casa. A luz de Brasília entra por qualquer fresta. Ultrapassa qualquer lente. Chega pelo telescópio dos astrônomos intensa e limpa. Aqui, se observa toda a trajetória dos planetas. É comum conseguir acompanhar Vênus deslocar-se de leste a oeste. Nebulosas, estrelas, fenômenos celestes são vistos com mais nitidez dentro da cidade, com uma frequência maior do que nos outros centros urbanos.

Wilton Ferreira da Costa, 48 anos, servidor público de profissão, astrônomo por vocação, explica por que: "Estamos longe do mar, por isso não temos aquela névoa; não temos poluição industrial;

como estamos num planalto, não temos a interferência de montanhas e nem de prédios altos. Aqui, não há aquele congestionamento de espigões".

O resultado dessa conjugação de fatores é que temos um céu ideal para a observação espacial. Obra não só da geografia, mas do traço de Lúcio Costa que, ao projetar Brasília, parece ter feito uma espécie de trato com a natureza. Pediu licença para ocupar o terreno, mas não fechou a porta. Delimitou o espaço do céu e do verde com as chamadas escalas gregária, monumental, residencial e bucólica. Preservadas, elas garantem qualidade de vida. Desrespeitadas, como em parte já são, descaracterizam a única cidade moderna com título de Patrimônio Cultural da Humanidade.

"Brasília não foi tombada por seus prédios, como a maioria das outras cidades. Mas por suas proporções. São elas que possibilitam uma arquitetura mais humana. Que fazem o horizonte ser parte da paisagem. Essa paisagem é como se fosse o nosso jardim, e a cidade, nossa casa. Mas somos tão incultos, que pisamos no nosso patrimônio", lamenta Sérgio Brandão, arquiteto, membro do Conselho Superior do Instituto de Arquitetos do Brasil.

Se, por um lado, falta aos brasilienses a dimensão do que significa viver em uma cidade tombada, sobra a convicção de que foram premiados com um céu inigualável. Pelo menos é isso que escutam, até dos forasteiros. Certa vez, um ministro português que visitava a cidade, surpreendido, profetizou: "Um povo que tem um céu como esse, não pode ter limites". A cada dia, sua profecia se confirma. Quem muito o observa ganha asas

Daniel Ferreira/CB/12.4.05

LÊDA WATSON FEZ 21 GRAVURAS INSPIRADAS NO CÉU DA CIDADE: "NÃO HÁ UM MINUTO IGUAL AO OUTRO. É ESPLENDOROSO, UM HORIZONTE INFINITO, UM CÉU QUE VAI ATÉ AO CHÃO"

